

Turismo e Desenvolvimento Sustentável: Uma Análise das Atividades Turísticas em uma Comunidade Pacificada à luz da Sustentabilidade

Resumo

A atividade turística tem aumentado significativamente no Brasil e no mundo. Tendo em vista o potencial do turismo para levar ao desenvolvimento e a procura crescente por um turismo social, esse artigo tem por objetivo analisar o desenvolvimento da atividade turística em uma comunidade pacificada, a partir da perspectiva do desenvolvimento sustentável. Para isso, foi realizada uma revisão da literatura que aborda a temática das favelas, a relação entre turismo e desenvolvimento, e a noção de desenvolvimento sustentável. Para a coleta de dados foram realizados dois grupos de discussão: um com moradores envolvidos com atividade turística dentro da comunidade em questão, o Morro do Cantagalo, e outro com moradores que não têm este envolvimento. Foi realizada uma análise interpretativa dos dados, a partir de categorias de sustentabilidade desenvolvidas com base em Sachs (2009), que considera múltiplas dimensões do desenvolvimento sustentável, tais como: econômica, social, política, cultural, ecológica e territorial. A conclusão, após as devidas análises, foi de que o turismo na comunidade estudada contempla apenas e de maneira pouco satisfatória para alguns moradores a dimensão econômica proposta por Sachs (2009).

1. Introdução

Observa-se hoje um constante aumento do fluxo de turistas em todos os lugares do mundo. No Brasil, essa tendência também se mostra presente, especialmente no que diz respeito ao fluxo de turistas estrangeiros (LOPES, 2012). Nos próximos anos, espera-se que a ocorrência de atividades turísticas no Brasil aumente ainda mais, principalmente devido aos eventos esportivos que ocorrerão nos anos que se seguem.

Os turistas que visitam o Brasil sentem-se atraídos, principalmente, pela beleza natural do País, como suas praias e as belas vistas. Merece destaque, nesse sentido, a cidade do Rio de Janeiro, uma das mais visitadas do País. Seduzidos pela beleza da cidade, os turistas procuram visitar atrações como o Pão-de-Açúcar, o Cristo Redentor e as praias de Copacabana e Ipanema. Entretanto, principalmente em anos recentes, também passaram a fazer parte do roteiro dos turistas, as comunidades mais pobres do Rio de Janeiro, conhecidas como “favelas”. O fluxo de turistas nestas comunidades teve um aumento significativo com a política de pacificação, que surgiu a partir de 2008, como um projeto da Secretaria Estadual de Segurança Pública do Rio de Janeiro, e que tem como objetivo devolver ao Estado o poder sobre esses territórios.

As chamadas “favelas” cariocas possuem seus territórios marcados por alta densidade habitacional, com uma população de baixa renda, e são mal servidas pela infraestrutura e serviços urbanos, como os de água, esgoto ou transporte (MARICATO, 2001; OBSERVATÓRIO DE FAVELAS, 2009). Constituem-se, nesse sentido, como regiões que necessitam ainda de muito investimento e que, portanto, têm muito a se beneficiar com os possíveis ganhos que o turismo pode trazer.

Os investimentos em atividades turísticas se dão, principalmente, devido à crença que se tem no potencial do turismo para levar ao desenvolvimento. No Brasil, por exemplo, as políticas públicas voltadas para o desenvolvimento de atividades turísticas possuem caráter de políticas de desenvolvimento, e são fortalecidas devido à crença em seu potencial de contribuir para desenvolver o País (OLIVEIRA, 2008).

Entretanto, há uma forte tendência a se enfatizar apenas e acima de tudo as contribuições do turismo para a geração de renda, restringindo-se a uma perspectiva de desenvolvimento puramente econômico. Contrapondo-se a essa visão, assume-se, no presente trabalho, uma noção de desenvolvimento a partir de uma perspectiva mais ampla: o

desenvolvimento sustentável. A noção de desenvolvimento sustentável, conforme proposta por Sachs (2009), abarca múltiplas dimensões, como a social, cultural, ecológica, ambiental, territorial, econômica e política.

Como destaca Medeiros (2010), o turismo em comunidades é hoje um fato que já faz parte do cotidiano dos moradores. Esse fenômeno tende a se disseminar em decorrência do aumento do fluxo de turistas na cidade que é esperado nos próximos anos. Como fato consumado, cabe agora refletir como essa atividade pode trazer melhorias efetivas para os habitantes destas regiões, gerando um desenvolvimento que não esteja restrito apenas a aspectos econômicos. Nesse sentido, o artigo tem como objetivo analisar o desenvolvimento da atividade turística em uma comunidade pacificada, a partir da perspectiva do desenvolvimento sustentável.

2. Referencial Teórico

2.1 O Turismo em Comunidades

Embora seja geralmente associado aos benefícios que pode trazer, o turismo é muitas vezes um tema polêmico, sendo acusado por aqueles mais críticos de gerar dependência econômica, interferência em práticas culturais, ou degradação ambiental nas comunidades onde este tipo de atividade se dá (FREIRE-MEDEIROS, 2010). É nesse sentido que o turismo merece ser investigado, principalmente quando sua inserção em novos espaços ganha relevo, como é o caso do turismo em comunidades.

Segundo Silva e Braga Filho (2010, p. 1061) o turismo pode ser definido como uma atividade que

compreende o deslocamento de pessoas que saem de suas residências habituais com destino a outras localidades, por um período superior a 24 horas e inferior a 6 meses por diferentes motivos e que para isso utilizam os serviços de transportes, hospedagem, alimentação, lazer e entretenimento para atender suas necessidades.

Entretanto, os autores ressaltam que não existe um consenso em relação à definição do conceito. Como mostram Lage e Milona (2010), hoje já se admite que é impossível delimitar uma definição específica de turismo, podendo-se afirmar apenas que é uma atividade socioeconômica, pois gera a produção de bens e serviços, suprimindo necessidades básicas e secundárias dos turistas (LAGE; MILONE, 2000).

Como afirma Lanzarini (2009, p. 7), todo lugar pode ser turístico, desde que seja “reproduzido socialmente e aceito culturalmente por sua comunidade, contemplando os diversos setores do planejamento governamental”. Para o autor, a solidificação desta atividade não se dá apenas por políticas públicas voltadas para o fomento da atividade, mas sim por meio de um processo lento de aceitação sociocultural. Além disso, na visão do autor, é importante pensar as relações do turismo com a sociedade, seja de modo social, cultural ou econômico.

Segundo Lopes (2012), as atividades turísticas têm obtido crescimento significativo nos últimos anos, com incrementos nas taxas de crescimento em todas as regiões do planeta. No comparativo 2005-2004, por exemplo, houve um crescimento médio de 5,5 % nos deslocamentos (LOPES, 2012). No Brasil, encontram-se hoje taxas de crescimento percentuais acima da média mundial, batendo sucessivos recordes, com o destaque para o grande aumento do número de turistas estrangeiros no País (LOPES, 2012).

Os turistas estrangeiros que visitam o Brasil são atraídos principalmente, pelas belezas naturais do País. A cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, uma das mais visitadas do Brasil, apresenta como principais pontos turísticos atrações que estão relacionadas à natureza ou à beleza das paisagens, como o morro Pão de Açúcar, o Cristo Redentor, ou as praias da cidade. Nos últimos anos, entretanto, as comunidades pobres da cidade do Rio de Janeiro, conhecidas

como “favelas”, vem se destacando como importantes pontos turísticos, equiparáveis aos principais atrativos da cidade.

A atividade turística nestas comunidades merece atenção especial por serem as chamadas “favelas” regiões onde os moradores possuem baixa renda, e que têm muito a usufruir dos benefícios que o turismo pode trazer. Maricato (2001) caracteriza as chamadas “favelas” como regiões marcadas por uma situação ilegal de ocupação do solo e sujeitas à exclusão urbana, já que são mal servidas pela infraestrutura e serviços urbanos, como os de água, esgoto ou transporte. São localizadas em áreas ambientalmente frágeis, como encostas íngremes ou beira de córregos, sujeitas a desmoronamento (MARICATO, 2001).

Segundo Moraes (2010), a partir dos relatos de viajantes que visitaram o Rio de Janeiro no início do século XX, pode-se constatar que a visita às comunidades cariocas não é uma prática recente. Entretanto, como mostra Freire-Medeiros (2007), foi apenas na década de 1990, com o evento Eco-92, que o turismo em comunidades ganhou força e passou a se disseminar. A autora destaca o filme *Cidade de Deus* e o documentário *Favela Rising*, que conta a história do grupo *Afro Reggae* de Vigário Geral, como produtos que contribuíram para veiculação da imagem das comunidades cariocas, reforçando sua atração como destino turístico.

Ao analisar a construção das chamadas “favelas” como destino turístico, Freire-Medeiros (2007) mostra que o turismo em comunidades pode ser entendido como um tipo de “tour social”, uma forma de tour de realidade, que tem como destino turístico locais com desvantagens econômicas, nos quais é possível ter uma experiência com autenticidade e participação. Nesse sentido, o turismo em comunidades, além de fornecer uma sensação altruísta de ser um bom cidadão, motiva, simultaneamente, uma sensação de aventura (FREIRE-MEDEIROS, 2009a).

Como mostrou Menezes (2007), nos últimos anos o interesse pelo turismo em comunidades cariocas tem aumentado de forma significativa. Freire-Medeiros (2010) explica que os moradores destas comunidades, aproveitando essa tendência, vêm buscando desenvolver o seu potencial turístico. A Rocinha, por exemplo, tem recebido em torno de 3.000 visitantes por mês nos últimos anos, guiados por guias particulares, vinculados ou não a agências de turismo, com a oferta de serviços diversificados (MENEZES, 2007). Mas Freire-Medeiros (2009b) chama atenção para o fato de que 99% desses turistas são estrangeiros.

Freire-Medeiros (2010) destaca que a prática do turismo nas chamadas “favelas” cariocas é um fato, quer se goste ou não. É uma atividade rentável para as agências de turismo, um destino que atrai os estrangeiros e já faz parte da realidade cotidiana dos moradores (FREIRE-MEDEIROS, 2009b). O turismo em comunidades se intensifica ainda mais com a política de pacificação das comunidades da cidade do Rio de Janeiro, que surge a partir de 2008, como um projeto da Secretaria Estadual de Segurança Pública do Rio de Janeiro, e que tem como objetivo levar o policiamento a estas comunidades. Nesse sentido, assumindo o turismo em comunidades como um fato que já faz parte do cotidiano dos cariocas e que vem se tornando ainda mais frequente, principalmente nas comunidades pacificadas, faz-se necessário questionar de que forma este tipo de atividade pode trazer retorno para os moradores das comunidades, explorando os benefícios e amenizando os malefícios que o turismo pode trazer. Isto pode ser alcançado por meio de um investimento na relação que geralmente se estabelece entre turismo e desenvolvimento, conforme discutido a seguir.

2.2 A Relação entre Turismo e Desenvolvimento

O desenvolvimento de atividades turísticas nas comunidades do Rio de Janeiro, que tem aumentado nos últimos anos, merece destaque, principalmente, diante do potencial que tem o turismo para o alcance do desenvolvimento. Por serem áreas marcadas pela ausência de

uma série de recursos, as comunidades têm nas atividades turísticas uma oportunidade para a melhoria das condições de vida de seus habitantes.

No Brasil, o turismo destaca-se como uma das atividades mais promissoras para levar ao desenvolvimento do País (LOPES, 2007). Isso se reflete nas políticas públicas voltadas para o desenvolvimento de atividades turísticas. Tais políticas têm desde sua origem o caráter de políticas de desenvolvimento (OLIVEIRA, 2008). Segundo Oliveira (2008), as políticas de turismo se fortalecem no Brasil com base na crença de que o turismo é uma grande oportunidade para o desenvolvimento, mas que tem sido subaproveitada no País.

Entretanto, a relação do turismo com o desenvolvimento é destaca na literatura principalmente no que diz respeito às contribuições de âmbito econômico que o turismo pode trazer. Segundo Carvalho (1998) os impactos econômicos da atividade turística são muito grandes, sendo o turismo a maior fonte geradora de divisas. O autor explica que um turista estrangeiro gasta, em média, 80 dólares por dia no Brasil. Para ressaltar os benefícios econômicos do turismo, Lage e Milone (1998) mostram que os deslocamentos oriundos das atividades turísticas têm uma participação de 12% no PIB, correspondentes a 3,4 trilhões de renda direta e indireta, em 1997. Silva e Braga Filho (2010) afirmam que a atividade turística é considerada uma alternativa para o desenvolvimento econômico, principalmente em regiões que possuem abundância de recursos naturais e culturais, mas não possuem muitas opções para geração de renda. Caracterizando-se como uma atividade heterogênea, o turismo traz efeitos diretos para vários ramos da economia, dirigindo-se para diversos setores simultaneamente (LAGE e MILONE, 1998).

Dentre os impactos econômicos da atividade turística, ressalta-se na literatura sua importância para a geração de empregos. Muganda, Sahli e Smith (2010), por exemplo, destacam a criação de novos empregos como uma das principais áreas chave para as quais o desenvolvimento de atividades turísticas contribui. Lage e Milone (1998) também destacam esse aspecto, e afirmam que, embora a geração de emprego não seja necessariamente um objetivo primordial do turismo, é com certeza um de seus principais resultados, já que o turismo constitui-se como uma atividade que envolve muitos tipos de serviços.

Embora, em geral, o maior objetivo dos países em desenvolvimento para a promoção da indústria do turismo seja levar à entrada de divisas estrangeiras (LAGE e MILONE, 1998), enfatizando o impacto econômico da atividade, o turismo pode trazer benefícios também para outras dimensões, contribuindo para um desenvolvimento mais amplo, para além daquele puramente econômico.

Lage e Milone (1998) afirmam que alguns estudos mostram que os efeitos do turismo se dão no âmbito econômico, mas também social, cultural e ambiental. Becker (2001) ressalta que o turismo apresenta um potencial para o desenvolvimento, pois pode gerar uma multiplicação de serviços, de empregos e de circulação de mercadoria, mas, além disso, também pode trazer impactos em âmbito ambiental e social. Seguindo esta perspectiva mais ampla, Carvalho (1998) destaca o potencial da atividade turística para a melhoria da qualidade de vida da população, os seus impactos culturais, já que pode transformar os costumes de uma população, bem como os seus impactos ambientais, destacando a necessidade de preocupação com a poluição ou a destruição de recursos naturais ao se pensar no desenvolvimento de atividades turísticas. Lage e Milone (1998) também chamam atenção para os efeitos do turismo sobre o meio ambiente, e afirmam que a preservação de áreas naturais ou de sítios de preservação estimulam fluxos turísticos, e por isso acabam sendo incentivados em regiões turísticas.

Nesse sentido, escapando de uma lógica puramente econômica, alguns autores enfatizam a importância da participação da comunidade no desenvolvimento de atividades turísticas, bem como a presença de elementos da cultura local, para que o turismo possa levar a um desenvolvimento mais amplo. Para Sousa (2006), por exemplo, além de se conhecer os

recursos da região é de crucial importância o envolvimento da população no planejamento e implementação do turismo em uma região. Já Azevedo e Irving (2002) defendem a necessidade de um envolvimento da sociedade para que o desenvolvimento seja por ela moldado de forma a preservar as condições de desenvolvimento para as gerações futuras.

O potencial do turismo para levar a melhorias em múltiplas dimensões – econômica, social, ambiental, cultural, política – faz com que ele hoje seja considerado como um importante meio para o alcance de um desenvolvimento sustentável, um conceito mais amplo de desenvolvimento, que abarca simultaneamente essas múltiplas dimensões, conforme será explicitado em mais detalhes a seguir. As discussões que hoje se estabelecem em torno do desenvolvimento mundial passam muitas vezes pela discussão do papel do turismo neste processo, e permeiam as esferas econômicas, sociais, culturais e políticas na busca do que hoje se denomina de desenvolvimento sustentável (LANZARINI, 2009).

Embora a importância das atividades turísticas para o desenvolvimento seja destacada na literatura, Lanzarini (2009) lembra que é ingênuo, por um lado, idealizar esta atividade como promotora do desenvolvimento social, e por outro, considerá-la apenas predatória. Para o autor, a atividade turística é ambígua: se por um lado pode gerar riqueza, empregos e melhorar a vida da comunidade, por outro pode produzir pobreza e exclusão social. Por isso, as atividades turísticas merecem ser analisadas, tendo em vista o aproveitamento de seu potencial de desenvolvido em suas múltiplas dimensões, e também o controle dos impactos negativos que esta pode trazer, principalmente quando se dão em regiões que necessitam com urgência dos seus benefícios, como é o caso das comunidades da cidade do Rio de Janeiro.

2.3 A Noção de Desenvolvimento Sustentável

A noção de desenvolvimento passa a ser disseminada principalmente a partir da segunda guerra mundial (SUNKEL e PAZ, 1971), e é associada, de forma simplificada, neste período inicial, ao crescimento econômico, enfatizando-se os aspectos quantitativos atrelados ao conceito. O desenvolvimento é avaliado, assim, por meio de uma série de indicadores quantitativos, como o Produto Interno Bruto (PIB), a renda nacional ou a renda per capita (OLIVEIRA, 2002).

Mas logo se instaura um debate em torno da idéia de um desenvolvimento puramente econômico, tendo em vista o reducionismo que carrega consigo esta concepção. Outras dimensões do desenvolvimento – política, social, cultural, ambiental – passam a ser reivindicadas, complexificando o conceito e dando-lhe outras roupagens. O papel do crescimento econômico para o desenvolvimento, superestimado em um período inicial, passou a ser entendido como um critério necessário, mas longe de ser suficiente (SACHS, 1997).

Importantes contribuições para se pensar o desenvolvimento a partir de perspectivas mais amplas advêm do pensamento de Celso Furtado, economista latino-americano, e um dos principais representantes da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL). Para Furtado (2000), o desenvolvimento não pode ser assumido apenas como o aumento da eficácia do sistema social de produção. A esta dimensão mais instrumental, o autor acrescenta uma dimensão substantiva, que diz respeito à satisfação das necessidades humanas, ampliando o conceito. A partir de então, seguindo este percurso, a noção de desenvolvimento foi aumentando em complexidade, e à dimensão econômica, foram acrescentadas dimensões sociais, políticas, culturais, éticas, ambientais e territoriais, conforme mostrou Sachs (1997), fazendo do conceito de desenvolvimento algo muito mais amplo do que a simples ideia de crescimento econômico.

Seguindo esta tendência, principalmente a partir da década de 1980, uma dimensão de caráter ambiental passa a ser reivindicada, e o desenvolvimento se apresenta sob o novo rótulo de desenvolvimento sustentável. Esse novo conceito tem como marco inaugural o documento

“Nosso Futuro comum”, da comissão Brundtland, quando foi usado pela primeira vez, em 1987 (DIEGUES, 1992), dando início a um intenso processo de legitimação dessa expressão (VEIGA, 2010). Por meio de seu documento fundador, o conceito de desenvolvimento sustentável passou a ser divulgado como estando atrelado à ideia de satisfação das necessidades do presente sem o comprometimento da possibilidade de que as gerações futuras satisfaçam as suas necessidades (NEVES, KLEINMAYER e TOCACH, 2009).

Segundo Veiga (2010), a noção de desenvolvimento sustentável torna-se de extrema importância, em virtude da percepção de que a biosfera está sendo submetida a pressões insuportáveis, e consolida-se como uma concepção que tenta vincular a temática do crescimento econômico com a temática do meio ambiente. Embora a ideia de sustentabilidade advenha da biologia, o adjetivo “sustentável”, atrelado à noção de desenvolvimento, assume um sentido bem mais complexo, sendo usado para questionar a qualidade do desenvolvimento alcançado pelos países considerados desenvolvidos (VEIGA, 2005).

Veiga (2010) explica que as discussões em torno da noção de sustentabilidade se dão, principalmente, em relação a dois posicionamentos extremos: por um lado, existem aqueles que defendem que não há dilema entre conservação ambiental e crescimento econômico e, por outro, aqueles que acreditam que os dois objetivos são incompatíveis. Em torno destas duas posições, uma série de hipóteses foi sendo elaborada, instaurando um debate científico internacional a respeito da relação entre crescimento econômico e preservação ambiental (VEIGA, 2010).

Após apresentar e discutir as principais perspectivas em torno da noção de sustentabilidade, Veiga (2010, p. 171) destaca Ignacy Sachs como o autor dedicado a esta temática que “melhor soube evitar simultaneamente o ambientalismo pueril, que pouco se preocupa com pobreza e desigualdades, e o desenvolvimentismo anacrônico, que pouco se preocupa com as gerações futuras”.

Sachs (2008) entende o desenvolvimento sustentável como um conceito multidimensional, que possui objetivos sociais e éticos, e tem a ele atrelado uma condicionalidade ambiental, que diz respeito à solidariedade com as gerações futuras. Embora entenda que o desenvolvimento não pode ocorrer sem crescimento, o autor chama atenção para o fato de que o crescimento não é condição suficiente para que o desenvolvimento ocorra. Para Sachs (2009, p. 55), “o desenvolvimento sustentável é, evidentemente, incompatível com o jogo sem restrições das forças do mercado”.

Na visão de Sachs (2009), o desenvolvimento sustentável pode ser sintetizado como aquele que possibilita uma harmonização entre objetivos sociais, ambientais e econômicos. Nesse sentido, Sachs (2009) chama atenção para o fato de que a noção de sustentabilidade, que é muitas vezes utilizada para designar apenas uma sustentabilidade ambiental, abarca muitas outras dimensões. Expressando essa diversidade de dimensões, o autor propõe alguns critérios que podem ser utilizados para investigações em torno da noção de sustentabilidade, que estão sintetizados em critérios social, cultural, ecológico, ambiental, territorial, econômico, político (nacional e internacional).

Como afirma Sachs (2010), neste início de século, o desenvolvimento não perde sua centralidade, diante da necessidade de se enfrentar os problemas das desigualdades sociais entre nações e dentro das nações. A presença das chamadas “favelas” em países considerados “em desenvolvimento” ou “subdesenvolvidos” como o Brasil, expressam a importância da manutenção deste tipo de discussão, e o conceito de desenvolvimento sustentável, mais amplo e complexo, apresenta-se como uma alternativa para se pensar em possíveis saídas para a superação das desigualdades.

3. Método de Pesquisa

Nesta seção serão explicitados os procedimentos metodológicos utilizados nesse estudo que se caracteriza, conforme taxonomia apresentada por Vergara (2007), como uma pesquisa exploratória e descritiva. Além do estudo bibliográfico, foi realizada uma pesquisa de campo de caráter qualitativo, utilizando-se o método de discussão em grupo como recurso para a coleta de dados. Esse método foi adotado, entre outros aspectos, pela homogeneidade do público pesquisado e pelo objetivo de entender como ele considera o turismo na favela, levantando informações em profundidade sobre “o que as pessoas pensam ou sentem, ou ainda, a forma como agem” em relação ao assunto pesquisado (OLIVEIRA e FREITAS, 2006: 326). Segundo estes autores, este método gera riqueza de informação pela interação entre os participantes, o que não ocorre na abordagem individual.

Foram realizadas duas discussões em grupo, segmentadas entre (1) moradores do Cantagalo que não possuem atividade profissional relacionada a turismo, como artista plástico, fotógrafo, estudante e faxineiro de creche e (2) moradores do Cantagalo que trabalham com atividades de turismo na própria comunidade, como guias turísticos, dono de pousada e membros do Museu de Favelas, uma Organização Não-Governamental que recebe turistas na comunidade. Os participantes foram recrutados por conveniência, tendo sido os grupos formados por homens e mulheres, de 23 a 57 anos, residentes no Cantagalo há pelo menos cinco anos. As reuniões aconteceram em agosto de 2012, em espaço comunitário localizado na própria comunidade. Cada grupo teve a duração de aproximadamente uma hora e meia.

Para a condução dessas sessões foi elaborado um roteiro semi-estruturado que inicialmente abordou a relação do morador com o Cantagalo, as vantagens e desvantagens do lugar, as emoções associadas e a autopercepção do morador para, em seguida, levantar as opiniões sobre a atividade de turismo naquele local e as alterações que elas trazem para o cotidiano dos moradores. As reuniões foram gravadas em áudio e esse material foi transcrito para utilização na etapa de análise dos resultados.

Para a análise dos dados, foi realizada a análise interpretativa a partir de categorias pré-estabelecidas e da base teórica revisada. O tratamento e a análise dos dados se deram com base em algumas categorias de análises desenvolvidos com base nos critérios de sustentabilidade propostos por Sachs (2009). Com base neste referencial, as categorias foram desenvolvidas de acordo com a aplicabilidade ao contexto das atividades turísticas investigado.

De posse da transcrição integral das entrevistas, operou-se a busca e sistematização dos fragmentos relevantes para a argumentação, de acordo com cada categoria. As categorias e a forma como foram operacionalizadas são apresentadas no Quadro 1 a seguir:

Quadro 1. Categorias de Análise e Operacionalização

Categorias de Análise	Operacionalização
Critério Econômico	Identificação de referências a algum tipo de retorno econômico para a comunidade, advindo das atividades turísticas nela desenvolvidas.
Critério Social	Identificação de referências à distribuição de renda justa, geração de empregos ou melhorias na qualidade de vida, decorrentes das atividades turísticas desenvolvidas na comunidade.
Critério Político	Identificação de referências à coesão dos moradores e articulações entre eles para a participação no desenvolvimento de atividades turísticas, bem como de abertura de espaços de discussão incentivadas pelo governo, para que essa participação se dê.
Critério Cultural	Identificação de referências à presença de elementos da cultura local no desenvolvimento da atividade turística.

Categorias de Análise	Operacionalização
Critério Ecológico	Identificação de referências à interferência das atividades turísticas no meio ambiente da comunidade.
Critério Territorial	Identificação de referências à interferência das atividades turísticas no ambiente urbano da comunidade.

4. Caracterização da Comunidade do Cantagalo

O Morro do Cantagalo está localizado na zona Sul da cidade do Rio de Janeiro entre os bairros de Copacabana, Ipanema, Leblon e Lagoa. Situa-se, desta forma, em uma área nobre que possui, dentre outras coisas, os maiores preços por metro quadrado de imóveis do Brasil e diversos pontos turísticos conhecidos mundialmente, como as praias de Copacabana e Ipanema.

Embora a comunidade do Cantagalo esteja em uma localização privilegiada, existe uma grande desigualdade social entre o “asfalto” e a comunidade. Segundo dados de 2010 da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan) o Morro do Cantagalo possui 4.415 habitantes, seu Produto Interno Bruto (PIB) per capita é igual a R\$612,50, a renda salarial média é de R\$527,50 e possui 11,98% de sua população beneficiada pelo programa Bolsa Família.

Desde 2008 o Governo do Estado do Rio de Janeiro adotou uma nova política de segurança pública, a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), que tem como objetivo extinguir a violência e o tráfico de drogas nas comunidades de baixa renda do Rio de Janeiro através da aproximação entre a polícia e a comunidade e do fortalecimento das políticas sociais. A UPP do complexo Pavao-Pavãozinho-Cantagalo foi inaugurada em dezembro de 2009.

A pacificação representou principalmente uma oportunidade de aproximação entre favela e “asfalto” e possibilitou a entrada do Estado na comunidade, assim como a realização de diversas iniciativas sociais públicas e privadas, como o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), o SESI Cidadania, a UPP Social e o Museu de Favela. Um grande desafio do PAC tem sido o de realocação de pessoas que viviam em áreas de risco de desabamento na comunidade, o que é comum por conta do grande número de construções irregulares. Além disso, a comunidade sofre com problemas de saneamento básico, pois há diversas áreas com esgoto a céu aberto. Outra dificuldade é a coleta de lixo já que as vielas estreitas tornam impossível a passagem dos caminhões de lixo.

Mesmo com tantos problemas, o novo ambiente de segurança que está presente nas comunidades pacificadas atrai cada vez mais turistas. Como já foi dito nas seções anteriores, embora o turismo em comunidades não tenha surgido com a pacificação, os próprios moradores relatam que após a pacificação o Morro do Cantagalo tem sido um grande alvo de visitação turística por sua localização privilegiada.

De diversos pontos da comunidade é possível ver uma grande parte da cidade do Rio de Janeiro, o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar e a Lagoa Rodrigo de Freitas, e portanto a vista torna-se uma importante atração para os turistas. O principal ponto turístico da comunidade é o Mirante da Paz que foi inaugurado em junho de 2010 e consiste em um elevador panorâmico que dá acesso de uma das saídas do metro General Osório, em Ipanema, até o Morro do Cantagalo. No prédio do elevador há um mirante de onde é possível ver o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar e a Lagoa Rodrigo de Freitas.

Além disso, a comunidade possui outro elevador localizado no Complexo Rubem Braga, onde há o Centro de Referência da Juventude (CRJ), a Fundação de Apoio à Escola Técnica (Faetec), o Criança Esperança, o Afroreggae, a Rádio Comunitária Panorama, o Ciep Presidente João Goulart (com o pior Índice de Desenvolvimento da Educação Básica do município em 2011) e outros projetos sociais. O Complexo Rubem Braga também é um ponto

onde há bastante visitação turística em decorrência da existência de tantos projetos sociais e culturais em um só lugar.

O Morro do Cantagalo, apesar de ainda possuir uma população muito carente de recursos financeiros e infra-estrutura, possui um grande potencial turístico que já foi percebido pelos moradores que, como veremos na próxima seção, lutam por um turismo social e não predatório.

5. O Turismo na Comunidade do Cantagalo à Luz da Sustentabilidade

As atividades turísticas na comunidade do Cantagalo ganharam força e passaram a se consolidar como parte do cotidiano dos moradores, principalmente a partir da instalação da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) na comunidade, em 2009, como foi ressaltado na fala dos moradores. Na visão dos moradores consultados, com o processo de pacificação, houve um “boom” de atividades turísticas na comunidade, devido a um aumento da sensação de segurança por parte daqueles que estão de fora. Corroborando o que mostrou Freire-Medeiros (2009b), os moradores do Cantagalo chamam atenção para o fato de que os turistas que passaram a visitar a comunidade são predominantemente estrangeiros ou “gringos”, como os moradores a eles costumam se referir.

O que se pretende aqui analisar, diante desse “boom” de atividades turísticas que marca a realidade das comunidades pacificadas atualmente, são as consequências que essas atividades trazem para os moradores da comunidade, no que diz respeito ao desenvolvimento sustentável. Nesse sentido, a análise a seguir se deu a partir de critérios de sustentabilidade desenvolvidos com base na proposta de Sachs (2009), conforme apresentado no Quadro 1. Foi identificada, na fala dos entrevistados, a forma como esses critérios tem se mostrado presentes na comunidade a partir do desenvolvimento de atividades turísticas.

5.1 O Critério Econômico da Sustentabilidade na Comunidade do Cantagalo

Os benefícios econômicos trazidos pelo desenvolvimento de atividades turísticas recebem bastante destaque na literatura que trata do tema, como foi mostrado anteriormente (ex: CARVALHO, 1998; SILVA e BRAGA FILHO, 2010). O destaque dado a aspectos econômicos também se faz presente na fala dos moradores, quando questionados a respeito dos benefícios que o turismo pode trazer para a comunidade onde moram. Nesse sentido, uma moradora envolvida com atividades turísticas na comunidade enfatiza: “a intenção nossa é sempre gerar renda pro morador” (MORADORA 14).

Ao discutirem os ganhos que os moradores possuem como decorrência do turismo na comunidade, o grupo de moradores que participa de alguma forma das atividades turísticas faz referência, de imediato, a questões de âmbito econômico: “logicamente tem uma renda” (MORADORA 12). Para complementar esta afirmação, outra moradora explica: se o morador “tá ocupando, seja a pousada ou seja a casa dele, se ele faz a comida, se ele troca... se ele tá hospedando aquela pessoa ele tá ganhando dinheiro pra luz, pra água e até na comida que faz” (MORADORA 14).

Mas esses retornos financeiros não vêm apenas com a hospedagem dos turistas em casas ou pousadas dentro da comunidade. Segundo o relato dos moradores que se envolvem de forma mais próxima com o turismo, mesmo aqueles turistas que estão apenas de passagem, fazendo um rápido tour pela comunidade, contribuem de alguma forma gerando renda para alguns moradores. Ao serem questionados se os turistas têm deixado alguma coisa para a comunidade, uma moradora que trabalha com o turismo no Cantagalo responde: “tem deixado sim. Por exemplo, ele deixa, ele compra, só na Selma quando a gente passa são 18 ou 19 sorvetes que ela vende. Na padaria do Nildo ele vende em torno de mais ou menos umas seis garrafas de dois litros...” (MORADORA 14). A renda gerada pelos turistas é apontada por Carvalho (1998), que enfatiza os altos gastos diários realizados pelos turistas.

Entretanto, na perspectiva daqueles habitantes do Cantagalo que não estão envolvidos diretamente com as atividades turísticas, a visão a respeito do retorno econômico para a comunidade não é tão positiva. Segundo este grupo de moradores, os turistas “vem, tiram a foto, não deixa um dinheiro aqui e vão embora” (MORADOR 4).

Esses habitantes explicam sua visão pessimista a respeito do assunto. Na visão deste grupo de moradores, o turista não confia na qualidade do alimento que é produzido dentro da comunidade, principalmente por questões de higiene. Segundo um morador que trabalha como fotógrafo, por exemplo, “o turista também ele não se sente seguro em comer” (MORADOR 2). Outro morador, artista plástico, exemplifica as condições dos estabelecimentos alimentícios da comunidade, como uma forma de justificar a falta de segurança dos turistas. De acordo com este habitante do Cantagalo, o dono do estabelecimento “mete a mão ali, (...) com a mesma mãozinha que ele pega o seu salgado, pega o seu dinheiro, joga naquela caixa e dane-se. Feliz da vida” (MORADOR 6).

Evidencia-se, assim, a discrepância entre o discurso daqueles que estão mais próximos do turismo na comunidade, e daqueles que estão distantes deste tipo de atividade. Enquanto para os primeiros os retornos em termos de renda estão acontecendo, principalmente para moradores que possuem algum tipo de hospedagem, ou que vendem produtos que podem ser consumidos pelo turista, para os segundos, esse tipo de retorno ainda não é visível.

5.2 O Critério Social da Sustentabilidade na Comunidade do Cantagalo

A noção de sustentabilidade proposta por Sachs (2009), entretanto, abarca muitos outros critérios além do econômico. Segundo o autor, a simples geração de renda está longe de ser suficiente para que um desenvolvimento sustentável seja possível. Nesse sentido, faz-se também imperioso questionar os aspectos sociais envolvidos no desenvolvimento de atividades turísticas no Cantagalo.

A equidade na distribuição de renda, um primeiro indicador do critério social, não se mostra presente na comunidade, segundo o relato dos moradores. Como apontado anteriormente, embora os moradores envolvidos com atividades turísticas apontem a existência de geração de renda para alguns habitantes do Cantagalo, este benefício, de acordo com os relatos, se dá apenas para moradores envolvidos de alguma forma com atividades turísticas, como a hospedagem, a venda de alimentos ou bebidas industrializados para turistas, ou o guiamento, e por isso só é percebida por aqueles que estão bem próximos destas atividades.

A este respeito, também é importante ressaltar que a atividade de guiamento, uma das possíveis fontes de renda e de emprego para os moradores, é oferecida, muitas das vezes, por guias externos à comunidade. Um morador que não trabalha com atividades turísticas, queixa-se: “a pessoa lá de fora que tá ganhando dinheiro. Que nem ela falou, o cara não mora aqui. Ele traz os gringos pra cá, anda isso aqui tudo e...” (MORADOR 4). Os moradores sabem inclusive o preço cobrado por esses guias por um tour na comunidade, e informam, em tom de brincadeira, “é one hundred” (MORADOR 1), revelando sua indignação com a quantia cobrada. Tendo em vista que a atividade de guiamento é uma das principais vias para a geração de emprego, destacada por Muganda, Sahli e Smith (2010) como uma das principais áreas para as quais o desenvolvimento de atividades turísticas contribui, a informação de que ela é ocupada por guias externos aponta para uma deficiência neste aspecto, que se constitui como outro indicador do critério social da sustentabilidade.

Ainda, como decorrência desse processo, a qualidade de vida dos moradores pode ser prejudicada por uma possível especulação imobiliária apontada pelos habitantes do Cantagalo. Alguns deles explicaram que muitos “gringos” já estão interessados em adquirir imóveis na comunidade, como revela, por exemplo, um morador dono de uma panificação: “tem gringo querendo comprar aqui, né, pra poder fazer hostel e etc” (MORADOR 4). Este tipo de prática

os assusta e traz uma sensação de ameaça, como é expresso na fala de uma moradora que é dona de uma pousada na comunidade: “uma das coisas também que eu temo um pouco é a especulação, a especulação imobiliária. (...) aqui pode ser uma potência. Pode se tornar uma potência (...).” (MORADORA 12).

Observa-se, assim, que embora o turismo gere renda para alguns moradores do Cantagalo, também pode acentuar algumas discrepâncias e desigualdades.

5.3 O Critério Político da Sustentabilidade na Comunidade do Cantagalo

A coesão dos membros da comunidade para a viabilização de sua participação nas atividades turísticas, um indicador do critério político da sustentabilidade, não pode ser observada por meio dos relatos coletados. Ao contrário, revelou-se uma lógica individualista, como mostra a fala de uma moradora que coordena uma Organização Não-Governamental (ONG): “Não tem coletivo, é sempre individual” (MORADORA 3).

A associação de moradores, principal via para organização dos membros da comunidade, é vista com descrédito pelos membros da comunidade. Alguns dos moradores consultados expressam críticas fortes à associação: “Eu acho que é só figura decorativa” (MORADORA 3). Além disso, o tempo de permanência do presidente da associação é questionado: “o presidente que tá na presidência desde que eu entrei aqui, quando me disseram que o estatuto é três anos só e até hoje nunca vi... nunca saiu, nunca...” (MORADORA 3).

Alguns moradores tentaram amenizar as acusações, explicando que o papel do presidente da associação, em uma comunidade que convive com o tráfico de drogas, não é muito simples, já que este sofre ameaças dos traficantes. O relato a seguir demonstra as pressões sofridas pelo presidente da associação:

é super difícil comandar a associação, (...) já presenciei também um dia também de opressão, ele tava lá na padaria, ele foi comprar um pão pros funcionários dele, aí chegaram dois meninos e um deles chegou e falou pra ele vem cá todo mundo tá ganhando, falou um palavrão lá, todo mundo tá ganhando cargo aqui. Entendeu? Como é que vai ficar a minha situação? (MORADOR 4)

Além disso, diante deste contexto conflitivo, alguns moradores explicam que não existem pessoas que queiram se candidatar ao cargo de presidente da associação. Como explica outro morador:

Na verdade é o seguinte, é n vezes, ele já tentou inclusive sair fora, vou te falar duas vezes e principalmente que houve chapa e tudo mais, vamos se organizar pra gente pegar e montar uma eleição. Tá legal, vamos lá pra quadra da escola de samba e vamos fazer isso. Não houve. Ninguém quis (MORADOR 6).

Dentro deste contexto, não parece haver um envolvimento da comunidade com a associação de moradores. A este respeito, uma moradora, estudante de moda, afirma que o presidente da associação não tem o apoio da comunidade, “e até as taxas no caso que são pra pagar um funcionário pra tá ali atendendo, ninguém paga...” (MORADORA 7).

Ao serem questionados a respeito da existência de espaços de discussão, onde possam dar suas opiniões sobre o turismo na comunidade, o grupo de moradores que não possui envolvimento com atividades turísticas demonstrou total desconhecimento. Já o grupo de moradores envolvidos com o turismo no Cantagalo, soube informar, de forma confusa e sem muitos detalhes, sobre a existência de uma iniciativa do SEBRAE, como revela a fala a seguir:

Quem tá tendo essas reuniões aqui é o SEBRAE, tem toda noite, agora. (...) Porque a ideia é eles começarem a mapear todos os pontos turísticos daqui,

Mapear no sentido de transformar isso num grande pólo turístico, né? (...)(MORADORA 14).

A respeito destas reuniões, outra moradora esclarece: “O SEBRAE é um encontro recente ainda” (MORADORA 10).

Como defende Souza (2006), é fundamental a participação da comunidade no desenvolvimento de atividades turísticas, para que se alcance um desenvolvimento amplo. Evidencia-se, entretanto, na comunidade do Cantagalo, o desconhecimento e a baixa participação dos moradores em espaços de discussão para que a participação da comunidade no desenvolvimento das atividades turísticas possa se concretizar, apontando para uma defasagem no critério político da sustentabilidade.

5.4 O Critério Cultural da Sustentabilidade na Comunidade do Cantagalo

Principalmente em decorrência do predomínio de guias turísticos externos à comunidade, bem como da baixa participação em espaços de discussão por meio dos quais os moradores da comunidade podem expressar suas opiniões a respeito do turismo ali desenvolvido, conforme apontado anteriormente, elementos da cultura local nas práticas turísticas no Cantagalo não se fazem presentes de forma ampla, conforme pode ser observado a partir dos relatos dos moradores.

Merece destaque neste sentido a iniciativa do Museu de Favelas (MUF) que oferece tours que contam a história da comunidade, revelando sua identidade. Como explica uma representante do MUF a respeito das atividades turísticas que a organização oferece: “o que mais a gente enaltece é a nossa história, a nossa riqueza cultural, identidade, a nossa memória” (MORADORA 14).

Entretanto, a maioria dos guiamentos não se dá desta forma. Os moradores, principais conhecedores da realidade do Cantagalo, revelam a dificuldade que passam para atuar como guias dentro de sua própria comunidade. Uma moradora, que é guia turístico, mas que exerce sua profissão apenas externamente, relata a dificuldade que teve no início de sua profissão para se manter como guia dentro da comunidade:

porque aqui, por exemplo, cobravam 60 reais, só que eu tinha que dividir com o MUF, a ONG que no caso é o Museu de Favela, tinha que dividir com os funcionários e tinha que tirar a parte da ONG, uma parte pros funcionários e pra mim, então não dava pro aluguel, não dava pra nada (MORADORA 5).

Tal relato gerou a indignação dos demais moradores presentes, que chegaram a oferecer ajuda para que ela conseguisse voltar a atuar internamente.

O predomínio de guias turísticos externos que não possuem o devido conhecimento da comunidade para transmitir elementos de sua cultura aos turistas é visto de forma muito negativa pelos moradores consultados. Para justificar sua indignação com este tipo de situação, uma moradora relata, por exemplo, uma situação vivenciada na Rocinha que mostra a inadequação dos guiamentos sem o devido conhecimento a respeito da comunidade:

A história mais fantástica que eles falavam era um guia na Rocinha, (...). Essa é uma história que rola na Rocinha inteira, este guia falou “sim a cidade não vem pra recolher o lixo desta caçamba que está transbordando de lixo porque os traficantes jogam partes das pessoas que eles matam dentro do lixo”. [risos] Né? Então esse é um guia de fora que sabe porra nenhuma sobre a vida de favela. Ele está empregado por uma agência que também não é de favela, que sabe porra nenhuma de favela e fica criando essas idéias (MORADORA 9).

Os moradores defendem, neste sentido, a importância de que os guias sejam também moradores da comunidade e conhecedores de suas cultura e história: “Eu acho que na

comunidade tinha que ser guia local que já conhece a história da comunidade. Que conhece a história, (...) tinha que ser guia local.” (MORADORA 12).

A importância de que o turismo no Cantagalo seja uma via para expressão da cultura local se faz presente de forma marcante na fala dos moradores consultados. O relato a seguir expressa a ênfase dada pelos moradores ao critério cultural:

Agora é o tempo da comunidade olhar pra dentro de si e ver qual é o meu diferencial? O que eu posso oferecer ao turista? Eu não quero oferecer criminalidade, nem arma... nem pobreza, eu quero oferecer uma outra coisa. E qual é a outra coisa? E quando a comunidade resolve oferecer uma outra coisa aí vai virar este monumento turístico lindo aqui dentro da cidade. (MORADORA 9).

Sachs (2005) enfatiza a importância da cultura para o desenvolvimento, e defende a necessidade da presença de elementos da cultura local, da preservação da identidade, para que o desenvolvimento se dê. O que se observa na comunidade do Cantagalo, no entanto, é a dificuldade de atuação de guias locais, que tem o conhecimento necessário a respeito da realidade da comunidade, não obstante o forte desejo dos moradores de transmitir aos turistas a cultura local.

5.5 O Critério Ecológico da Sustentabilidade na Comunidade do Cantagalo

Foi apontado, de forma consensual, como o principal problema vivenciado atualmente pela comunidade, o problema do lixo. Os moradores afirmam de forma direta que “atualmente o ponto mais negativo da favela é o lixo” (MORADORA 12).

Ao serem questionados a respeito da interferência dos turistas nesta questão ou em algum outro aspecto ambiental/ecológico da comunidade, todos os moradores consultados responderam que não há nenhuma. Segundo os relatos, a atividade turística não tem efeitos positivos ou negativos sobre o meio ambiente da comunidade: “ninguém limpa... e nem suja mais, não gera mais lixo porque eles não compram nada aqui” (MORADOR 4). Ao serem questionados se o problema do lixo na comunidade melhorou, uma moradora responde de forma enfática: “continua imunda!” (MORADORA 12).

Os moradores justificam esta ausência de interferência devido ao pouco tempo que os turistas permanecem na comunidade. Como explica uma das moradoras consultadas: “a partir do momento que ele tem, que ele chega aqui as dez e o tour é de dez a meio-dia, ou de dez a uma hora, não vai ser nesse intervalo que ele vai sair sujando a comunidade porque não existe tempo pra isso” (MORADORA 14).

Além disso, segundo os moradores, não há nenhuma mobilização por parte da comunidade para manter o Cantagalo mais limpo para a recepção dos turistas. Alguns relatos revelam, inclusive, que os moradores e os guias que recebem os turistas não possuem muito pudor em mostrar a sujeira da comunidade. Uma moradora, por exemplo, conta que, em um tour que do qual ela participou, “onde estava recebendo os turistas, uma sujeira gente, um montão de lixo acumulado. Eu falei, isso é retrato de uma comunidade imunda” (MORADORA 3).

A dimensão ambiental do desenvolvimento, embora tenha sido apenas recentemente evocada, é hoje considerada extremamente relevante para se pensar em um desenvolvimento sustentável (VEIGA, 2010). Entretanto, o turismo na comunidade do Cantagalo não parece estar gerando nenhum impacto nesta dimensão.

5.6 O Critério Territorial da Sustentabilidade na Comunidade do Cantagalo

Assim como não foi observada nenhuma influência do turismo em aspectos que dizem respeito ao meio ambiente da comunidade, também não foram observadas interferências em

aspectos urbanos. A explicação pode ser a mesma: o pouco tempo que os turistas, em geral, passam na comunidade.

Entretanto, um aspecto que merece ser ressaltado no que diz respeito ao critério territorial é o grande interesse que os turistas possuem pela urbanidade das comunidades. A arquitetura peculiar e improvisada das moradias das comunidades chama atenção dos turistas, que ficam intrigados com a capacidade dos moradores de construir casas desta forma. A este respeito, um morador explica:

eles ficam deslumbrados com a própria arquitetura que pra gente é loucura, é um conflito, uma coisa louca, mas pra eles é fora da realidade. Eles precisam de se organizar pra construir uma casa pra pagar um arquiteto. Aqui não tem nada disso. (MORADOR 6).

Nesse mesmo sentido, outro morador completa:

olha, é o interesse deles entendeu? Eu acho que cada um tem os seus interesses, alguma finalidade tem, porque eu acho que eu não vou sair de um país tão longe pra tirar fotos de casas que... de casas um em cima da outra, né? Eles acham engraçado, muitos falam isso (MORADOR 1).

O interesse dos turistas pelas lajes também é ressaltado pelos moradores. “aqui o cara vende a laje dele. A laje. Entendeu, então vira um pombal que eles não conseguem entender” (MORADOR 6). O interesse dos turistas pela Laje que compõem a arquitetura das comunidades cariocas também foi demonstrada por Freire-Medeiros (2009b) em pesquisa anterior.

Embora não possa ser observada nenhuma interferência direta da atividade turística no ambiente urbano da comunidade, como a arquitetura das moradias do Cantagalo atrai os turistas, ainda que sejam moradias pouco seguras para os moradores, podem acabar por serem mantidas desta maneira, já que servem, de certa forma, como um atrativo turístico.

Observa-se, assim, a partir dos relatos dos moradores da comunidade do Cantagalo, que a atividade turística que ali vem sendo desenvolvida não tem trazido benefícios para a comunidade em todos os critérios de sustentabilidade. É principalmente no critério econômico que estes benefícios podem ser observados, mas ainda assim se dão de forma restrita aos moradores envolvidos com a atividade turística.

6. Conclusão

Diante da consolidação do turismo nas comunidades da cidade do Rio de Janeiro, o presente artigo teve como objetivo analisar o desenvolvimento da atividade turística em uma comunidade pacificada, a partir da perspectiva do desenvolvimento sustentável.

Ao se analisar o desenvolvimento de atividades turísticas em uma comunidade pacificada, na perspectiva do desenvolvimento sustentável, conforme o objetivo proposto, pode-se observar, por meio da fala de moradores, que a realidade da comunidade tem sido alterada apenas no que diz respeito ao aspecto econômico de geração de renda, mas ainda assim, essa mudança só é percebida por aqueles moradores que possuem uma atividade profissional relacionada com o turismo na comunidade. Isto indica uma deficiência no critério social da sustentabilidade, tendo em vista que a geração de renda decorrente das atividades turísticas não se dá de forma equânime, restringindo-se a alguns moradores.

O critério político também se mostrou deficiente, na medida em que foi possível observar uma ausência de coesão e organização dos moradores, bem como o baixo conhecimento a respeito de espaços de discussão sobre o turismo na comunidade. Quanto ao critério cultural, também foi possível perceber insatisfação dos moradores neste sentido, já que há um desejo de transmitir a cultura local aos turistas, que acaba sendo dificultado devido aos empecilhos para que os próprios moradores atuem como guias locais. No que diz respeito

aos critérios ecológico e territorial, na visão dos moradores, é baixa a interferência dos turistas, devido ao tempo reduzido de permanência na comunidade.

Os resultados obtidos refletem a ênfase nos benefícios econômicos do turismo, também presente na literatura (ex: CARVALHO, 1998; SILVA e BRAGA FILHO, 2010). Os moradores do Cantagalo envolvidos com atividades turísticas na comunidade também tendem a enfatizar em suas falas os ganhos em termos de renda, que alguns habitantes obtêm com o turismo. O crescimento econômico, entretanto, é insuficiente para a geração de transformações sociais mais amplas, como já mostrava Furtado (2000) e conforme defende Sachs (2009) ao propor o conceito de desenvolvimento sustentável.

Para que haja mudanças efetivas na vida dos moradores assumidos como cidadãos, faz-se necessário que o desenvolvimento das atividades turísticas nas comunidades do Rio de Janeiro seja revisto à luz da sustentabilidade. É por meio de uma verdadeira inserção dos moradores nestas atividades, que um desenvolvimento mais amplo pode ser alcançado, trazendo benefícios em suas múltiplas dimensões.

Referências

- AZEVEDO, J. ; IRVING, M. A.. *Turismo: o desafio da sustentabilidade*. São Paulo: Futura, 2002.
- BECKER, B. K. Políticas e planejamento do turismo no Brasil. *Caderno Virtual de Turismo*, v. 1, n. 1, 2001.
- CARVALHO, C. L. Desenvolvimento do turismo no Brasil. *Revista de Administração*, São Paulo, v. 33, n. 4, p. 26-29, outubro/dezembro, 1998.
- DIEGUES, A. C. S.. Desenvolvimento sustentável ou sociedades sustentáveis: da crítica dos modelos aos novos paradigmas. *São Paulo em Perspectiva*, 6 (1-2):22-29, jan/
- FREIRE-MEDEIROS, B. A favela que se vê e que se vende: reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 22, n. 65, 2007.
- FREIRE-MEDEIROS, B. Entre tapas e beijos: a favela turística na perspectiva de seus moradores. *Revista Sociedade e Estado*, v. 25, n. 1, jan./abr., 2010.
- FREIRE-MEDEIROS, B. *Gringo na laje: produção, circulação e consumo da favela turística*. Rio de Janeiro: FGV, 2009b.
- FREIRE-MEDEIROS. The favela and its touristic transits. *Geoforum*, n. 40, p. 580-588, 2009a.
- FURTADO, C.. *Introdução ao desenvolvimento – enfoque histórico-estrutural*. 3ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- jun, 1992.
- LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. Impactos socioeconômicos do turismo. *Revista de Administração*, São Paulo, v. 33, n. 4, outubro/dezembro, 1998.
- LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C., (orgs). *Turismo: teoria e prática*. São Paulo: Atlas, 2000.
- LANZARINI, R. Turismo e desenvolvimento local: reflexões interdisciplinares a respeito da ilha de Santa Catarina. *VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*, ANPTUR, São Paulo, 10 e 11 de setembro de 2009.
- LOPES, C. H.. Análise dos modelos de planejamento e desenvolvimento turístico propostos pela gestão pública no Brasil. *Revista Acadêmica Senac On-line*, v. ed 1, p. 1, 2007.
- MARICATO, E. *Favelas: um universo gigantesco e desconhecido*. 2001. Disponível em: < <http://www.usp.br/fau/deprojeto/labhab> >. Acesso em: 19 jan. 2012.
- MENEZES, P. Turismo e favela: reflexões sobre ética e fotografia. *Dialogando no turismo*, Rosana, v. 1, n. 3, p. 10-30, ago. 2007.
- MORAES, C. Os caminhos do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo. *Intratextos*, Rio de Janeiro, Número Espacial 1, pp. 32-46, 2010.

- MUGANDA, Michael; SAHLI, Mondher; A SMITH, Karen. Tourism's contribution to poverty alleviation: a community perspective from Tanzania. *Development Southern Africa*; Vol. 27 Issue 5, Dec., 2010.
- NEVES, L. S.; KLEINMAYER, L. A. M.; TOCACH, R. A transição do desenvolvimento ao desenvolvimento sustentável. *II Seminário de Sustentabilidade*, Curitiba, 2009.
- OBSERVATÓRIO DE FAVELAS. O que é favela afinal? In: SILVA, J. S. (Org.). *O que é favela, afinal?* Rio de Janeiro: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, 2009.
- OLIVEIRA, F. M. As políticas de turismo no Brasil nos anos noventa. *Turismo em análise*, v. 19, n. 2, agosto, 2008.
- OLIVEIRA, G. B. Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento. *Revista da FAE*, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 37 – 48, maio/ago., 2002.
- OLIVEIRA, Miriam; FREITAS, Henrique. Focus Group: instrumentalizando o seu planejamento. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA DE MELLO, R.; SILVA, A. B. da (Org.). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, 2006.
- SACHS, I. Desenvolvimento e Cultura. *Desenvolvimento da Cultura. Cultura do Desenvolvimento. Organizações & Sociedade*, v. 12, n. 33, p. 151-162, abr./jun., 2005.
- SACHS, I. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- SACHS, I. *Desenvolvimento includente, sustentável, sustentado*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- SACHS, I. Desenvolvimento numa economia mundial liberalizada e globalizante: um desafio impossível? *Estudos Avançados*, v. 11, n. 30, p. 213 – 241, 1997.
- SILVA, S. C.; BRAGA FILHO, H.. Turismo e desenvolvimento local: o turismo de negócios como possibilidade para o desenvolvimento econômico de Franca-SP. *XI Encontro de Pesquisadores*, Franca, São Paulo, 2010.
- SOUSA, L. S.. *Turismo e desenvolvimento local sustentável na Paraíba*. 2006. Edição eletrônica disponível em: <http://www.eumed.net/libros/2006b/lss/index.htm>. Acesso em 18/abr/2012.
- SUNKEL; O.; PAZ, P. *El subdesarrollolatinoamericano y La teoria Del desarrollo*. 2. Ed. México: SigloVeintiuno Editores, S.A., 1971.
- VALLADARES, L. A gênese da favela carioca: a produção anterior às ciências sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 15, n. 44, outubro, 2000.
- VEIGA, J. E. *Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- VEIGA, José Eli da. O prelúdio do desenvolvimento sustentável. In: Pedro Mercadante Oliva. (Org.). *Economia Brasileira - Perspectivas do Desenvolvimento*. Vol.1. São Paulo: Centro Acadêmico Visconde de Cairu, 2005.
- VERGARA, S. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. São Paulo: Editora Atlas, 2007

ⁱ Forma como os moradores se referem à toda a parte da cidade que não é favela.